



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

OS PRIMEIROS TEXTOS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO BRASIL UTILIZADOS NO ENSINO SECUNDÁRIO BRASILEIRO DURANTE O PERÍODO IMPERIAL

Carla Villamaina Centeno
carla.centeno@uol.com.br
(UEMS)

Resumo

Este trabalho analisa os primeiros textos didáticos de História do Brasil utilizados no colégio Pedro II, durante o período imperial. O principal objetivo é apreender as funções assumidas por esses instrumentos na relação educativa. O ponto de partida é análise da especialização na sociedade capitalista, por meio da teoria marxista acerca da organização técnica e da simplificação do trabalho. Tem como pressuposto o entendimento do processo histórico da constituição da escola moderna e de seus instrumentos para implementá-la a fim de atender a necessidade de estender os serviços escolares a todos os trabalhadores. A proposta de Comenius é o parâmetro para análise dos instrumentos didáticos da sociedade capitalista, pois ela está na origem da escola moderna. Segundo Comenius para universalizar a escola era necessário baratear seus serviços e introduzir a divisão do trabalho na sua organização. A proposta visava revolucionar os instrumentos didáticos de forma que eles próprios pudessem substituir o saber e o trabalho do mestre. Propõe instrumentos simplificados para alunos e professores, o profissional especializado da educação. Esses instrumentos foram denominados por ele de livros pan-methodicos e deveriam conter todo o conteúdo para cada nível de conhecimento. Os conteúdos deveriam ser simplificados e resumidos em todos os níveis de ensino, até mesmo o mais elevado, nível da academia, de forma que fossem entendidos até mesmo sem o auxílio do professor. No Brasil, os instrumentos didáticos começam a ser simplificados a partir do século XIX. No ensino secundário, esse processo se dará mais tarde. Analisando os livros adotados nesse período constatou-se que, até o início do século passado, os instrumentos didáticos da escola secundária brasileira não haviam passado por um processo de simplificação. De fato, se constituíam em compêndios, livros mais extensos e complexos.

Palavras-chave: História do Brasil. Compêndio. Ensino Secundário. Colégio Pedro II

Este trabalho analisa os primeiros textos didáticos de História do Brasil utilizados no colégio Pedro II, durante o período imperial. O principal objetivo é apreender as funções assumidas por esses instrumentos na relação educativa. O ponto de partida é análise da especialização na sociedade capitalista, por meio da teoria marxista acerca da organização técnica e da simplificação do trabalho. Tem como pressuposto o entendimento do processo histórico da constituição da escola moderna e de seus instrumentos para implementá-la a fim de atender a necessidade de estender os serviços escolares a todos os trabalhadores. A proposta de Comenius é o parâmetro para análise dos instrumentos didáticos da sociedade capitalista, pois ela está na origem da escola moderna.

O Brasil começou tardiamente a construir os textos didáticos modernos e a sua forma de realização ainda não ganhara, no século XIX e início do século XX, as características e as funções

2015





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

que esses instrumentos do trabalho didático assumiram na proposta comeniana. Essa foi a hipótese do trabalho e que acabamos por confirmar após análise.

O pressuposto inicial leva em consideração que qualquer abordagem acerca do trabalho didático, tal como se realiza em sala de aula, envolvendo os procedimentos pedagógicos do professor, o conteúdo didático selecionado e, sobretudo, o instrumental utilizado, objeto desse trabalho, impõe um recuo aos primórdios da escola moderna. Esse recuo é necessário porque torna inteligíveis as bases em que a escola moderna está assentada e alguns dos problemas postos na área especializada do ensino de História. Essa é uma questão que tem sido negligenciada por grande parte da historiografia especializada.

O manual didático, segundo Alves (2006), é o instrumento de trabalho por excelência da escola moderna. Organizada por níveis de ensino e seriação dos estudos, a escola de nosso tempo teve origem no século XVII com Comenius, pastor protestante nascido na Morávia.

Comenius está na origem da escola moderna. A ele, mais do que a nenhum outro, coube o mérito de concebê-la. Nessa empreitada, foi impregnado pela clareza de que o estabelecimento escolar deveria ser pensado como uma *oficina de homens* (ALVES, 2006, p. 71).

Comenius concebeu uma instituição social especializada, a escola moderna, cuja finalidade era “ensinar tudo a todos”. Essa instituição deveria incorporar a divisão do trabalho tal como já acontecia nas manufaturas.

Comenius tinha consciência, segundo o autor, das dificuldades econômicas para implantar a escola para todos. A proposta comeniana visava ao barateamento dos serviços escolares, pois a queda de custos era condição primordial à sua universalização (ALVES, 2006, p. 74-75). Mas, à sua época, existiam impedimentos desde a falta de educadores conhecedores do método, bem como de instrumental para realizar o trabalho didático nos novos moldes.

A solução para essa dificuldade deveria ser buscada, prioritariamente, na transformação do instrumental didático. Para Comenius, somente com a produção e inserção de instrumentos que expusessem todos os conteúdos e orientassem o trabalho didático seria possível viabilizar a escola para todos. O manual possibilitaria a queda de custos, pois realizava certo grau de simplificação e de objetivação do trabalho didático. Com a revolução no instrumental, expressa no surgimento do

2016





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

manual didático, qualquer homem de capacidade intelectual mediana poderia ensinar. Para que a escola se universalizasse seria necessário, então, transformar o preceptor em trabalhador especializado, retirando-lhe em grande parte o domínio teórico-prático do trabalho que realizava. O próprio Comenius apontou que esse novo profissional, o professor, dado o seu grau de especialização, não poderia formular os conteúdos expostos nos manuais. Ninguém deveria retirar “da própria cabeça” o que ensinar e como ensinar (COMENIUS, 1997, p. 363). Os professores ministrariam suas aulas com base em uma programação “já preparada” (Comenius, 1997, p. 363). Para isso, seria necessária a produção de um novo tipo de trabalhador especializado, o autor de livros didáticos, a ser recrutado entre homens eruditos, “ricos de engenho” (id., ibid., p. 373). Estes homens passariam a selecionar e resumir os conteúdos, que, materializados nos manuais didáticos, norteariam o trabalho em sala de aula.

Comenius ainda prescreveu aos educadores

[...] normas precisas às quais conformem seu trabalho; isso significa que, para seu uso, é preciso escrever livros informativos que indiquem de que modo e quando eles devem agir para não errar. Portanto, os livros didáticos serão de dois tipos: os relativos às coisas (reais) para os estudantes e os informativos para os professores, para que estes sejam capazes de usar os primeiros com rapidez e perfeição (COMENIUS, 1997, p. 365).

O manual didático deveria resumir um programa com conteúdos informativos, dispostos em ordem seqüencial e condicionar os procedimentos docentes necessários ao seu uso. Nesse sentido, Comenius eliminou qualquer possibilidade de uso de livros clássicos e apontou, até mesmo, para o caráter dispensável do próprio mestre: “[...] acima de tudo, desejo e solicito que os assuntos sejam expostos em linguagem familiar e comum, para permitir que os alunos entendam tudo espontaneamente, **mesmo sem mestre**” (COMENIUS, 1997, p. 217, grifo nosso).

As matérias seriam ensinadas uma de cada vez com um método único (IDI. IBID, 1997, p. 219) e com livros “de tamanho pequeno mas de grande utilidade, que apresentem as coisas sumariamente, ou seja, muitas coisas com poucas palavras (id., ibid., 1997, p. 221). Esse método deveria privilegiar as coisas para, num momento posterior, relacioná-las às palavras (COMENIUS, 1997, p. 233). Mas, se não fosse possível dispor das coisas, seria necessário utilizar imagens que as representassem, “feitas especialmente para o ensino” (ID. IBID, 1997, p. 235). Em relação aos





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

conteúdos acha-se na obra a regra fundamental da nova ordem nascente de a tudo atribuir uma utilidade: “tudo que se ensina deve ser ensinado como coisa atual e de inquestionável utilidade” (ID.IBID., p. 238). A proposta utilitarista e de simplificação do trabalho didático atingia todos os níveis¹, inclusive o mais elevado, o nível da Academia, formativo de professores e de “dirigentes do futuro” (COMENIUS, 2007, p. 320-322).

Na escola Latina, nível que antecederia a academia, chamada por ele também de ginásio, os conteúdos deveriam ser breves e práticos, fáceis e agradáveis. Comenius considerava que o conhecimento histórico, “a parte mais bonita da vida”, deveria ser ensinado no interior de cada classe desse nível, mas sem “grandes esforços”. Isso seria realizado por meio de “um pequeno livro específico”. Sobre a História Universal propunha que essa especialidade abrangesse “todo o mundo, dos povos mais importantes e sobretudo da pátria: **tudo isso em resumo**, mas sem negligenciar nada de necessário” (COMENIUS, 1997, p. 350, grifo nosso).

No Brasil, os primeiros compêndios de História Universal, segundo Guy de Hollanda (1957, p. 104), foram importados da França. Foi o caso, por exemplo, de *Histoire de La Civilization*, de Ch. Seignobos, adotado nos programas do Colégio Pedro II (Hollanda, 1957, p. 104). Segundo Alves (2011):

Entre 1850 e 1912, nas demais matérias do plano de estudos se difundiram, intensamente, os compêndios. Tornaram-se eles os instrumentos de trabalho dominantes no Colégio Pedro II. [...] Os títulos dos livros, muitas vezes, agregaram o próprio termo *compêndio*, revelador de seu emprego no trabalho didático. Outros enfatizavam sua composição por meio de *lições* ou *pontos* correspondentes às unidades do programa. Os termos *resumo* e *építome* também apareciam em muitos títulos. Igualmente expressões como *elementos*, *curso elementar* e *noções*, que acentuavam o caráter introdutório dos estudos correspondentes. Inclusive o termo *manual* pontificava ocasionalmente, bem como expressões que colocavam em primeiro plano o *tratamento metodológico dado ao conteúdo*. Às vezes, simplesmente o *nome da matéria* era usado como título do texto. Mas, quase sempre, os próprios prefácios desses livros atestavam sua condição de compêndio

Até o início do século XX, foram poucos os livros de História do Brasil utilizados no Colégio Pedro II. O primeiro deles, intitulado *Resumo de História do Brasil até 1828*, resultou de uma

¹ São quatro os níveis de ensino proposto: a escola materna, para a infância, a escola vernácula, para a meninice, a escola latina ou ginásio, para a adolescência e a academia, para a juventude (Comenius, 1997, p. 320-359)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

tradução de Ferdinand Denis, realizada pelo militar de origem portuguesa Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde (1831). Publicado em 1831, não se tratava de uma tradução literal, pois o texto em português foi corrigido e aumentado. De acordo com Gasparello (2002) passou a ser utilizado a partir de 1841.

No levantamento dos programas de ensino do Colégio Pedro II, realizado por Vechia e Lorenz (1998), esse livro não foi descrito. Nele, a primeira referência incide sobre o *Compendio da historia do Brasil*, escrito pelo General José Ignácio de Abreu Lima (1843, 2 v.). Filho do Padre Roma, líder e mártir da Revolução Pernambucana, Abreu e Lima foi influenciado pelos ideais republicanos. Não há indícios de que o livro tenha sido pensado, originalmente, como recurso de apoio ao trabalho didático. Mas a sua segunda edição, publicada no mesmo ano da primeira, já levava em consideração o mercado escolar, daí terem sido retirados os anexos documentais e notas, concentrando o texto num único volume. (ALVES e CENTENO, 2009).

Por força de seu caráter inédito, mesmo não tendo sido escrito com intenções didáticas, o *Compendio da historia do Brasil* foi recomendado para a disciplina correspondente nos programas do Colégio Pedro II aprovados em 1856, 1858 e 1862.

Sucedeu-lhe o compêndio *Lições de História do Brasil* (MACEDO, 1913), Joaquim Manoel de Macedo, seu autor, foi médico, poeta, romancista e historiador. Integrou os quadros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Exerceu a função de professor de “Historia e chorographia patria, na qual foi nomeado em 1849. Macedo, comprometido com as aulas no colégio, elaborou o livro em referência, possivelmente originário das “postilas” relacionadas nos programas de 1862. Foi o primeiro compêndio intencionalmente produzido com finalidade didática por um professor de História do Brasil no Colégio Pedro II.

Também escrito com finalidade didática, *Lições de Historia do Brazil* foi outro livro didático da área utilizado no Colégio Pedro II (ALVES e CENTENO, 2009). O seu autor, Luis de Queirós Mattoso Maia, foi qualificado na *Relação dos Professores do Collegio Pedro II de 1838 a 1920* (AZEVEDO, 1921) como “professor cathedratico” de “Historia Geral”.

Se consideradas as prescrições de Comenius, as características dos quatro textos referidos são pouco compatíveis com as do manual didático da escola moderna. São textos extensos, envolvendo lições com nível informativo detalhado e denso.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Os livros de Bellegarde e de Abreu e Lima não revelam preocupações de caráter pedagógico e eram destituídos de recursos técnicos para facilitar a aprendizagem.

Foi outra a forma de organização que presidiu à elaboração do primeiro compêndio de História do Brasil produzido e utilizado por um professor do Colégio Pedro II. Do ponto de vista especificamente didático, chamam a atenção os recursos incorporados ao conteúdo de *Lições de Historia do Brasil*. A cada lição deveriam seguir-se, primeiro, um glossário de termos e expressões que lhe é específico, denominado “explicações”, depois um quadro sinótico dos principais “feitos e acontecimentos”, associando-os aos seus “personagens e corporações” e aos seus “atributos”, e, por fim, um rol de “perguntas”, que orientaria o professor quanto à verificação da aprendizagem e o aluno, em correspondência, quanto ao que deveria ser memorizado.

Realça, em seguida, que esses três recursos estão a serviço do método: “ora é exactamente nas *explicações*, nas *perguntas*, e nos *quadros synopticos* annexos ás lições, que se encontram as bases principaes do methodo que adoptámos:”O texto didático, pensado pelo autor sobre fundamentos ainda distantes da concepção comeniana, só ganharia vida pela intervenção qualificada e consciente do professor: Essa centralidade do professor na atividade didática foi uma idéia amplamente difundida no Brasil no século XIX. Esses instrumentos didáticos não eram expressão de domínio sobre a atividade do professor. Foram incorporados ao trabalho didático como instrumentos auxiliares do docente. Eram complexos, desenvolviam os conteúdos por meio de longos textos e, sobretudo, eram elaborados pelos próprios professores do Colégio Pedro II, algo bem diverso da proposta comeniana de transformar o professor em especialista na “arte” de executar o manual. Para Alves e Centeno (2009, p. 482-483), além de as funções desses instrumentos didáticos se encontrarem distantes daquelas atribuídas ao manual didático por Comenius, eles próprios eram expressão de uma identificação subjetiva do autor com o seu trabalho. Essa situação se explica pelo fato de a educação escolar, à época, ainda atender a poucos.

Atendendo a uma clientela restrita, composta por filhos dos grandes proprietários rurais, de comerciantes e das nascentes, mas minguadas camadas médias urbanas, ao ensino secundário não se impôs a força de uma pedagogia imbuída dos recursos necessários para “ensinar tudo a todos”. Mal se insinuava a determinação material que avassalaria, na seqüência, a incipiente divisão do trabalho didático existente, os instrumentos de trabalho e os procedimentos do professor, bem como, por decorrência, a relação educativa, cujas características e práticas ainda atreladas às pedagogias da época colonial, pouco se conformavam

2020





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

às formas mais desenvolvidas da escola moderna (ALVES e CENTENO, 2009, p. 486).

Essa tendência se arrastou até o início do século XX, no ensino secundário, em relação aos compêndios republicanos.

O exemplo mais significativo foi *História do Brasil*, de João Ribeiro (1914, 541 p.), referido nos ensaios e monografias de história e de ciências sociais produzidos na primeira metade do século XX.

Tendo em conta as recomendações de Comenius que propunham a simplificação dos conteúdos dos manuais, inclusive com livros diretivos e exclusivos para professores, que continham prescrições precisas sobre como e quando eles deveriam agir, pode-se dizer que longe estavam esses livros de serem instrumentos simplificados.

A relação educativa se encontrava, até o início do século XX, num processo de transição, pois, ainda atrelada à pedagogia da época colonial.

Referências

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. **Textos escolares no Brasil**. Trabalho apresentado no I Seminário de Estudos sobre a organização do trabalho didático. Campo Grande, MS, 2011 (apresentação oral).

ALVES, Gilberto Luiz; CENTENO, Carla Villamaina. A produção de manuais didáticos de história do Brasil: remontando ao século XIX e início do século XX. **Revista Brasileira de História da Educação**. Set/dez. v. 14 n. 42, 2009.

AZEVEDO, Philadelpho de. Subsídios para a história do Collegio Pedro II. **Anuario do Collégio Pedro II: 1919-1920**, Rio de Janeiro: Typ. Da revista dos Tribunaes, v. 4, p.379-384, 19.

COMENIUS, João Amós. **Didáctica Magna**: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. **Construtores de identidade**: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira. São Paulo: Iglu, 2004.

HOLLANDA, Guy de. **Programas e compêndios de história para o ensino secundário brasileiro: 1931-1956**. Rio de Janeiro: INEP/Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.

MACEDO, Joaquim Manoel de. **Lições de historia do Brasil para uso das escolas de instrução primaria**. Rio de Janeiro; Paris: Livraria Garnier, 1913.

RIBEIRO, João. **História do Brasil**. Adaptada ao ensino primário e secundário. Rio de Janeiro: Livraria Cruz Coutinho, 1900 In: <http://www.archive.org/stream/histriadoBrasil00ribegoog#page/n172/mode/2up>

VECHIA, Ariclê e LORENZ, Karl Michael (orgs.). **Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951**. Curitiba: Ed. do Autor, 1998.

